nossa europa
Plataforma de Cidadania

10 anos depois do Brexit: a quem serve a lição?

Carlos Coelho
Presidente da Nossa Europa
23 de junho de 2026

Há 10 anos, a 23 de Junho de 2016, **52% dos britânicos votaram para sair da União Europeia**. Vale a pena olhar para esse momento. Não com a arrogância de quem "*tinha razão*", mas com a serenidade de quem procura compreender o que ele revelou sobre a Europa e o que representa para o projecto de integração.

Comecemos pelos factos: O Gabinete de Responsabilidade Orçamental, o organismo independente que avalia as contas públicas britânicas, mantém desde 2016 a estimativa de que as exportações e importações do Reino Unido são 15% inferiores ao que seriam dentro da União; isto associado a uma quebra de 4% na produtividade potencial a longo prazo. Estudos mais recentes apontam números mais impressionantes: o *National Bureau of Economic Research* estima que, até 2025, o impacto acumulado tenha atingido entre 6% a 8% do PIB. Em valor absoluto, falamos de dezenas de milhares de milhões de libras anuais que ficaram "de fora" da economia britânica.

A dimensão mais reveladora não é, porém, económica. É política. A saída britânica foi, a certa altura, encarada como o início de uma debandada: o primeiro dominó de uma reacção em cadeia que desmantelaria a União. Uma década depois, nenhum dos restantes 27 Estados seguiu o exemplo. Pelo contrário: mesmo as forças nacionalistas e populistas do continente fazem agora questão de garantir aos seus eleitores que não pretendem sair. **O referendo que devia provar que a Europa era dispensável acabou por demonstrar precisamente o contrário**. O Brexit não foi o paciente zero de uma pandemia anti-europeia; acabou por ser uma vacina contra as narrativas nacionalistas.

A prova mais eloquente vem da própria opinião pública britânica. Segundo um estudo do *European Council on Foreign Relations* (ECFR) publicado ontem, **66% dos britânicos avaliam negativamente o Brexit**. Já no mês passado, um estudo do *YouGov* indicava que **56% apoiariam o regresso à União** (apenas 35% se oporiam, bem longe dos 52% que apoiaram a saída há uma década). O debate sobre o *rejoin* (o regresso) ganhou nova vida e tornou-se parte do quotidiano político britânico, que está particularmente agitado com a **demissão do Primeiro-Ministro nas últimas horas**.

Convém, no entanto, não retirar daqui conclusões fáceis ou precipitadas. O caminho de regresso é complexo: a União mudou na última década e questões como a moeda única, Schengen ou as contribuições orçamentais – sobretudo depois do Conselho Europeu da semana passada – seriam pontos de negociação exigentes.

O arrependimento de uns – por muitos que sejam, hoje – não apaga as causas que levaram outros ao voto de 2016. E é aqui que reside a verdadeira lição.

O Brexit foi, antes de tudo, um sintoma. Uma resposta (errada, mas real) a sentimentos legítimos de distância, de aversão à burocracia, de rejeição de decisões tomadas longe de quem com elas lida.

Esses sentimentos não desapareceram com a saída britânica. Continuam vivos no continente, alimentados pelos mesmos populismos que prometem soluções simples para problemas complexos.

O paradoxo deste aniversário é esse: os cidadãos europeus continuam a esperar mais da Europa, mas pedem eficácia, não formalismo. Não rejeitam a União; exigem que ela decida melhor, mais depressa e que esteja mais presente nas suas vidas. **O problema europeu não é excesso de ambição. É, demasiadas vezes, défice de execução**.

A lição do Brexit não é, por isso, só para o Reino Unido. É para os que ficámos.

Uma União que não escute os seus cidadãos, que não responda às suas preocupações concretas, que não se aproxime de quem dela depende, **cria as condições para que o erro se repita noutro lugar**. Dez anos depois, o caminho não é celebrar o fracasso alheio. **É garantir que ele não volte a acontecer**.